

que são livres de regressar ao seu país dispõem certamente desse controlo a um nível psicológico, os que estão impedidos de regressar talvez nunca sintam em si o mesmo grau de independência e eficácia, o que se poderá então traduzir num índice mais elevado de perturbação mental.

Parece evidente que mais investigação é necessária com vista a alargar os nossos conhecimentos e compreensão em relação (se é que alguma existe) entre imigração e psicopatologia. Sendo Portugal um alfove de emigrantes, o objectivo principal deste artigo é contribuir para a consciencialização dos investigadores portugueses do papel importante que temos a desempenhar no estudo da migração internacional onde devemos, quase por obrigação, assumir uma posição de liderança. A extensão da nossa riqueza humana neste sentido é variada e virtualmente inesgotável, começando com a presença de imigrantes portugueses em praticamente todos os países do mundo, passando pela experiência dos exilados políticos do anterior regime e acabando nos muitos que, tendo nascido em Angola ou Moçambique, hoje residem em Portugal (e em outros países) e cuja liberdade de regressar ao território onde cresceram é restrita ou mesmo inexistente.

NOTAS

(*) Tradução do autor.

REFERÊNCIAS

- ALFREDSSON, L. & THEORELL, T. (1983) — Job characteristics of occupations and myocardial infarction risk: effects of possible confounding factors. *Social Science and Medicine*, 17, 1497-1503.
- BURKE, A. W. (1980) — Family stress and precipitation of psychiatric disorder: a comparative study among immigrant West Indian and native British patients in Birmingham. *International Journal of Social Psychiatry*, 26, 35-40.
- BURVILL, P. M. (1973) — Immigration and mental disease. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 7, 155-162.
- CARPENTER, L. & BROCKINGTON, I. F. (1980) — A study of mental illness in Asians, West Indians and Africans living in Manchester. *British Journal of Psychiatry*, 137, 201-205.
- CLARE, A. W. (1974) — Alcoholism and schizophrenia in Irishmen in London — a reassessment. *British Journal of Addiction*, 69, 207-212.
- COCHRANE, R. (1979) — Psychological and behavioural disturbance in West Indians, and Pakistanis in Britain: a comparison of rates among children and adults. *British Journal of Psychiatry*, 134, 201-210.
- COCHRANE, R. & STOPES-ROE, M. (1981) — Social class and psychological disorder in natives and immigrants to

- Britain. *International Journal of Social Psychiatry*, 27, 173-183.
- COCHRANE, R. & STOPES-ROE, M. (1981) — Psychological symptom levels in Indian immigrants to England — a comparison with native English. *Psychological Medicine*, 11, 319-327.
- DEROGATIS, L. R., LIPMAN, R. S. & COVI, L. (1973) — SCL-90: an outpatient psychiatric rating scale — preliminary report. *Psychopharmacology Bulletin*, 9, 13-28.
- DEROGATIS, L. R., CLEARY, P. A. (1977) — Confirmation of the dimensional structure of the SCL-90: a study in construct validation. *Journal of Clinical Psychology*, 33, 981-989.
- GOLDSTEIN, E. (1979) — Psychological adaptations of Soviet immigrants. *American Journal of Psychoanalysis*, 39, 257-263.
- GUERREIRO, L. A. (1985) — Portuguese immigrant parents' perceptions of school: a focus on special education and factors affecting communication. Manuscript submitted for publication.
- GUERREIRO, L. A. (1985) — Portuguese vs. Hispanic: a distinction that must be made in our schools. Manuscript submitted for publication.
- HITCH, P. J. & RACK, P. H. (1980) — Mental illness among Polish and Russian refugees in Bradford. *British Journal of Psychiatry*, 137, 206-211.
- KINZIE, J. D. & MANSON, S. (1983) — Five years experience with Indochinese refugee psychiatric patients. *Journal of Operational Psychiatry*, 14, 105-111.
- KINZIE, J. D., FREDRICKSON, R. H., BEN, R., FLECK, J., & KARLS, W. (1984) — Posttraumatic stress disorder among survivors of Cambodian concentration camps. *American Journal of Psychiatry*, 141, 645-650.
- KRAU, E. (1983) — How important is vocational success to the overall satisfaction of immigrants? *Journal of Applied Social Psychology*, 13, 473-495.
- NGUYEN, S. D. (1982) — The psycho-social adjustment and the mental health needs of Southeast Asia refugees. *Psychiatric Journal of the University of Ottawa*, 7, 28-29.
- ODEGAARD, O. (1932) — Emigration and insanity: a study of mental disease among the Norwegian-born population of Minnesota. *Acta Psychiatrica, Scandinavica*, supplement 4.
- SALVENDY, J. T. (1983) — The mental health of immigrants: a reassessment of concepts. *Canada's Mental Health*, 31, 9-12, 16.
- SIMÕES, M. & BINDER, J. (1980) — A socio-psychiatric field study among Portuguese emigrants in Switzerland. *Social Psychiatry*, 15, 1-7.
- WESTERMEYER, J., VANG, T. F. & NEIDER, J. (1983) — Migration and mental health among refugees: association of pre- and postmigration with self rating scales. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 171, 92-96.
- ZUNG, W. W. K. (1963) — A self-rating depression scale. *Archives of General Psychiatry*, 12, 67-70.

ABSTRACT

Although studies in the past have indicated a high incidence of mental disturbance among immigrants, recent research has led to the opposite conclusion. The author looks at the issue from various perspectives and stresses the need to pay more attention to ethnic and individual variables. He concludes that in order for immigrants to reach an adequate adjustment they need to perceive themselves in control of their own lives.

COMENTARIO AO ARTIGO DE LUÍS GUERREIRO «PSICOPATOLOGIA EM IMIGRANTES E REFUGIADOS»

FÉLIX NETO (*)

A psicopatologia do migrante coloca o problema do homem que sofre em situação de transplantação.

O artigo de Luís Guerreiro tem o condão de colocar clara e sinteticamente o problema da psicopatologia do migrante, tal como hoje em dia se põe. Efectivamente a desconfiança para com o estrangeiro e para com a loucura coexistiram sempre. Assim o «Immigration Act» de 1882 denota bem o temor de ver os

imigrantes doentes mentais invadirem os Estados Unidos.

No fim do século passado, a mobilidade geográfica foi encarada como um sintoma revelador de certos estados delirantes sistemáticos. Foville coloca o acento no carácter paranóico dos «alienados migradores».

Posteriormente, a mobilidade geográfica já não é com efeito considerada como sintoma, mas como «comemorativo», para utilizar os termos de Champion. Se os estados patológicos estudados eram bastante diversos, têm como característica comum o facto de serem apreendidos em situação de transplantação. Inserem-se aqui as teorias constitucionalistas no seio das quais se situa o clássico estudo de Odegaard com migrantes noruegueses nos Estados Unidos a que o autor faz referência. Muitos outros estudos americanos sublinharam a preponderância dos síndromas esquizofrénicos. Todavia Murphy baseando-se nos trabalhos da escola de Chicago corrige em parte estas atitudes dizendo que as características sociológicas que caracterizam a população de transplantados são aquelas onde o risco de esquizofrenia é maior.

Foi precisamente o facto de se tomar em consideração os índices ponderados (uma das ponderações mais clara em todo o mundo é o facto do sector de hospitalização psiquiátrica pública ser muitas vezes o único recurso para o migrante enquanto que o autóctone com melhores possibilidades financeiras e com melhor inserção social tem mais meios para ultrapassar essa eventualidade) no exame das relações entre doença mental e migração que, de um longo período em que se tentou demonstrar que os migrantes tinham uma percentagem de doenças mentais proporcionalmente mais elevada, se começou a constatar que os migrantes eram quase tão «sãos» como os nativos. A utilização de índices ponderados atenuou ou até eliminou as diferenças de taxa de morbilidade entre autóctones e migrantes.

Hoje em dia, como o sublinha o autor do artigo, o balanço das relações entre doença mental e migração é inconsistente. Por exemplo, em França, Clappier-Valladon examinando as publicações psiquiátricas recentes afirma: «parece que se possa tirar a conclusão da disposição particular das populações migrantes para as perturbações mentais». Já Bastenier defende que a morbilidade psiquiátrica dos migrantes não é superior ou é mesmo inferior à dos autóctones.

A relação entre migração e doença mental está ainda hoje longe da sua compreensão e resolução. O debate guarda uma certa importância para abordar a questão das causas das doenças mentais. A transplantação constitui um verdadeiro laboratório experimental onde se podem abordar os elos entre a personalidade e a cultura no processo adaptativo.

Perante resultados contraditórios que ressaltam da literatura, o autor propõe-nos ter mais em conta «diferenças individuais e de grupo entre imigrantes». Entre essas diferenças é assinalada a clivagem entre imigrantes refugiados e não refugiados. O tempo migratório não é efectivamente o mesmo nas duas populações. Se aos migrantes económicos se colocam geralmente grandes problemas de adaptação nos primeiros tempos de estadia no país de acolhimento, já para os refugiados, assumir as percas a que a emigração obriga, parece levantar problemas maiores ao cabo de alguns anos em terra estrangeira.

Para além de possíveis diferenças entre o vivido migratório das duas populações seja-me permitido sublinhar um eventual ponto de convergência. Guerreiro refere-se ao estudo de Westermeyer et al. (1983) que mostra que os refugiados que mais desejam regressar aos seus países de origem, na Ásia, foram os que obtiveram os valores mais altos na escala de sintomas mentais. Nós próprios encontramos, através de dois inquéritos efectuados em França (1977 e 1983) junto de «imigrantes», que os sujeitos com o projecto de regresso a mais curto termo ao país de origem, Portugal, encontravam-se associados a uma constelação de variáveis que denotam uma polaridade negativa ou neutra do humor em França, um sono perturbado, o sentimento de ter mais saúde em Portugal e uma auto percepção da sua saúde medíocre. Seriam, pois, também estes «imigrantes» que localizam o regresso mais proximamente nas perspectivas de futuro os que apresentam um perfil de saúde mais deficiente.

Segundo o autor, nos últimos dez anos a investigação na área da migração internacional não se tem desenrolado tanto nos Estados Unidos, como noutros países, nomeadamente na Inglaterra, França, Canadá. Será no entanto bom lembrar que o estudo das migrações contribuiu decisivamente para o desenvolvimento das ciências sociais nos Estados Unidos, o que não foi o caso na Europa. Por exemplo, nos anos 20 os Estados Unidos defrontavam-se com dois problemas de vulto: a fracasso do taylorismo e a adaptação dos imigrantes que já não eram só de origem anglo-saxónica. Neste contexto surge a Psicologia Social Aplicada, havendo sido formulado um pedido aos técnicos das relações humanas para obviar a tais problemas.

O processo migratório actualiza várias das múltiplas variáveis de que o ser humano é portador. Dada esta complexificação, não é de admirar que haja inconsistência dos resultados nas investigações sobre a psicopatologia da migração, na medida em que só se examinam as variações de um termo, responsável das variações de um outro termo. A utilização de análises multidimensionais poderá, porventura, no futuro, arrumar um pouco mais a casa neste domínio específico da investigação em psicopatologia da migração.

(*) Professor Auxiliar da F. P. C. E. U. P.